

A FUNÇÃO ASSISTENCIAL EXERCIDA PELA ENFERMEIRA NOS CENTROS DE SAÚDE DA SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE SÃO PAULO

*Nilce Piva Adami **

ADAMI, N. P. A função assistencial exercida pela enfermeira nos centros de saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 14(1): 63-72, 1980.

A autora relata os resultados de uma pesquisa realizada junto às enfermeiras lotadas nos centros de saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Seu propósito foi o de analisar a assistência prestada por essas profissionais aos usuários das unidades sanitárias no exercício da função assistencial de enfermagem de saúde pública.

INTRODUÇÃO

Vários estudos relativamente recentes ^{3,4,5,6,7,9,10,11}, demonstram a preocupação das enfermeiras na definição teórica, de forma conjunta ou isolada, das funções dos profissionais de enfermagem nos serviços de saúde. Em nosso meio encontram-se alguns trabalhos ^{2,7,8,12} objetivando conhecer a realidade do exercício profissional da enfermeira na área hospitalar e de saúde pública.

A identificação dessa realidade é extremamente oportuna por duas razões primordiais: cotejar a teorização com a prática profissional e analisar a existência de condições de plena ou de sub-utilização do trabalho da enfermeira, em face do preparo acadêmico recebido no sistema formador de enfermagem.

Este relato é parte de uma pesquisa realizada por nós, nesse órgão de saúde ¹, e está circunscrita apenas à função assistencial da enfermeira; seu intento é o de analisar a participação dessa profissional na assistência de saúde prestada aos usuários da rede de centros de saúde da referida Secretaria.

METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido por meio de um inquérito realizado junto às enfermeiras lotadas nos centros de saúde (C.S.) da Coordenadoria de Saúde da Comunidade (C.S.C.) da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (S.E.S.—S.P.).

Concedida a permissão para a efetivação do mesmo, entramos em contato com a Diretora do Serviço de Enfermagem da supracitada Coordenadoria, para solicitar sua colaboração e conhecer o número de enfermeiras nos C.S. por Departamento e Divisões Regionais de Saúde (D.R.S.).

A técnica de coleta de dados selecionada foi a de questionário. Antes da sua aplicação, fizemos um pré-teste com oito (8) estudantes do Curso de Saúde Pública

* Professor Assistente Doutor do Departamento de Prática de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da USP.

para Graduados em Enfermagem, da Faculdade de Saúde Pública, com experiência de trabalho em unidades sanitárias. Após a pré-testagem, algumas modificações foram introduzidas, visando a maior compreensão das questões.

Posteriormente, os questionários foram enviados à referida Diretora para serem remetidos, por seu intermédio, ao Departamento e às Divisões Regionais de Saúde. A eles foram anexadas duas circulares, uma do Coordenador da C.S.C. e outra da Diretora do Serviço de Enfermagem, as quais solicitavam, respectivamente, o empenho dos Diretores Regionais e a colaboração das enfermeiras no preenchimento e devolução dos referidos questionários.

Constituíram a população estudada todas as enfermeiras lotadas em C.S. percententes à C.S.C. da S.E.S.—S.P., totalizando oitenta e duas (82) profissionais.

Os dados coletados encontram-se no item 2, relatado a seguir. As Tabelas não apresentam as fontes, uma vez que todos os dados foram obtidos no inquérito por nós realizado.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1. Número de respostas obtidas

Pela Tabela 1 verifica-se que, em primeira instância, somente 60,0% dos questionários foram respondidos. No entanto, os dados da Tabela 2 demonstram que, no período do levantamento de dados, existiam 57 enfermeiras ao nível de 82, fato este que restringe o nosso universo de estudo, obtendo-se, portanto, 85,96% de respostas. Outro aspecto importante a ser observado é que, num período relativamente curto, entre o levantamento do número de enfermeiras existentes e o recebimento das respostas, muitas enfermeiras (30,50%) encontravam-se afastadas dos C.S. Os motivos dos afastamentos estão registrados no rodapé dessa tabela e foram informados pelas enfermeiras de nível Regional.

TABELA 1

Número de resposta obtidas, segundo o Departamento e as Divisões Regionais de Saúde (D.R.S.) da C.S.C. da S.E.S. — S.P., 1977

| D.R.S. | Resposta obtidas | | | | | |
|---------------------------|------------------|--------|-----|--------|-------|--------|
| | SIM | | NÃO | | TOTAL | |
| | N.º | % | N.º | % | N.º | % |
| 1 — Grande São Paulo | 8 | 28,60 | 20 | 71,40 | 28 | 100,00 |
| 2 — Santos | 3 | 60,00 | 2 | 40,00 | 5 | 100,00 |
| 3 — Vale do Paraíba | 6 | 75,00 | 2 | 25,00 | 8 | 100,00 |
| 4 — Sorocaba | 3 | 50,00 | 3 | 50,00 | 6 | 100,00 |
| 5 — Campinas | 10 | 98,90 | 1 | 0,10 | 11 | 100,00 |
| 6 — Ribeirão Preto | 10 | 77,00 | 3 | 23,00 | 13 | 100,00 |
| 7 — Bauru | 1 | 100,00 | — | — | 1 | 100,00 |
| 8 — São José do Rio Preto | 2 | 100,00 | — | — | 2 | 100,00 |
| 9 — Araçatuba | 2 | 100,00 | — | — | 2 | 100,00 |
| 10 — Presidente Prudente | 3 | 100,00 | — | — | 3 | 100,00 |
| 11 — Marília | — | — | 2 | 100,00 | 2 | 100,00 |
| DEVALE | 1 | 100,00 | — | — | 1 | 100,00 |
| TOTAL | 49 | 60,00 | 33 | 40,00 | 82 | 100,00 |

TABELA 2

Número de enfermeiras em exercício nos C.S., que responderam ou não os questionários, e número de enfermeiras afastadas, segundo o Departamento e as Divisões Regionais de Saúde da C.S.C. da S.E.S. — SP, 1977

| D.R.S. | Enfermeira em exercício segundo número de respostas obtidas | | | | Enfermeiras afastadas (1) | | TOTAL | |
|---------------------------|---|--------|-----|-------|---------------------------|--------|-------|--------|
| | SIM | | NÃO | | N.º | % | N.º | % |
| | N.º | % | N.º | % | | | | |
| 1 — Grande São Paulo | 8 | 28,57 | 4 | 14,28 | 16 | 57,15 | 28 | 100,00 |
| 2 — Santos | 3 | 60,00 | — | — | 2 | 40,00 | 5 | 100,00 |
| 3 — Vale do Paraíba | 6 | 75,00 | — | — | 2 | 25,00 | 8 | 100,00 |
| 4 — Sorocaba | 3 | 50,00 | 1 | 16,67 | 2 | 33,33 | 6 | 100,00 |
| 5 — Campinas | 10 | 90,90 | — | — | 1 | 9,10 | 11 | 100,00 |
| 6 — Ribeirão Preto | 10 | 76,92 | 3 | 23,08 | — | — | 13 | 100,00 |
| 7 — Bauru | 1 | 100,00 | — | — | — | — | 1 | 100,00 |
| 8 — São José do Rio Preto | 2 | 100,00 | — | — | — | — | 2 | 100,00 |
| 9 — Araçatuba | 2 | 100,00 | — | — | — | — | 2 | 100,00 |
| 10 — Presidente Prudente | 3 | 100,00 | — | — | — | — | 3 | 100,00 |
| 11 — Marília | — | — | — | — | 2 | 100,00 | 2 | 100,00 |
| DEVALE | 1 | 100,00 | — | — | — | — | 1 | 100,00 |
| TOTAL | 49 | 59,75 | 8 | 9,75 | 25 | 30,50 | 82 | 100,00 |

(1) Motivos: pedidos de demissão e afastamentos por: licença médica, frequência ao Curso de Saúde Pública para Graduados em Enfermagem da F.S.P. e substituições nas D.R.S. e D.S.

(2) Um questionário foi extraviado no Correio.

2. Preparo das enfermeiras

Os dados constantes na Tabela 3 mostram que a maioria das enfermeiras (46,90%) cursou habilitação em enfermagem de saúde pública, incluindo duas enfermeiras lotadas em C.S. menores, como os de tipo III e IV. A seguir figuram, enfermeiras somente com o curso de enfermagem geral (36,70%) e com habilitação em enfermagem obstétrica (14,30%). Uma enfermeira de um C.S. de tipo I, tem preparo mais avançado em enfermagem de saúde pública, proporcionado pela F.S.P. da U.S.P., que normalmente é requerido para profissionais que ocupam postos em níveis regional e central.

Estes resultados indicam uma situação favorável quanto ao preparo, uma vez que quase 65,0% das enfermeiras têm formação em enfermagem de saúde pública ou obstétrica em adição ao curso de enfermagem geral.

TABELA 3

Distribuição das enfermeiras segundo o preparo e a classificação dos C.S. da C.S.C. da S.E.S. — S.P., 1977

| PREPARO | Número de Enfermeiras por Classificação de C.S. | | | | | TOTAL | |
|--|---|----|-----|----|---|-------|--------|
| | I | II | III | IV | V | N.º | % |
| | | | | | | | |
| Enfermagem Geral | 11 | 6 | — | — | 1 | 18 | 36,70 |
| Habilitação em Enfermagem de Saúde Pública | 13 | 8 | 1 | 1 | — | 23 | 46,90 |
| Habilitação em Enfermagem Obstétrica | 6 | 1 | — | — | — | 7 | 14,30 |
| Saúde Pública para Graduados em Enfermagem | 1 | — | — | — | — | 1 | 2,10 |
| TOTAL | 31 | 15 | 1 | 1 | 1 | 49 | 100,00 |

3. Funções exercidas pela enfermeira

A análise das informações contidas na Tabela 4 demonstra que a função específica de assistência de enfermagem é exercida por 100,0% das enfermeiras que responderam a esta questão. Em 2.º, 3.º e 4.º lugares aparecem respectivamente as de assessoria, administração e ensino. Quanto às funções “outras” e de pesquisa, figuram bem distantes das quatro funções acima especificadas, com baixos percentuais.

No entanto, o detalhamento das “outras” funções constante no rodapé da tabela 4 demonstra que as especificadas nos itens *a* a *d* enquadram-se na função administrativa. O item *e* refere-se à de assessoria, os itens *f* e *g* nas de ensino e os itens *i* e *j* nas de prestação de assistência de enfermagem. O item *h* não se considera como função por se tratar de uma forma de trabalho aplicável ao exercício de várias funções. Apenas o item *l* poderia ser configurado como uma outra função.

Esta situação pode indicar falhas de conhecimento de algumas enfermeiras a respeito das atividades implícitas na várias funções que devem ser desempenhadas por profissionais de enfermagem num C.S.

TABELA 4

Distribuição das respostas das enfermeiras sobre as funções exercidas nos C.S. da C.S.C. da S.E.S. — S.P. — 1977

| FUNÇÕES | Exercício das Funções | | | | | | SEM RESPOSTA | TOTAL | |
|----------------|-----------------------|-------|-----|-------|-----|------|--------------|--------|---|
| | SIM | | NÃO | | N.º | % | | N.º | % |
| | N.º | % | N.º | % | | | | | |
| Administrativa | 41 | 83,67 | 6 | 12,25 | 2 | 4,08 | 49 | 100,00 | |
| Ensino | 37 | 75,51 | 10 | 20,41 | 2 | 4,08 | 49 | 100,00 | |
| Assessoria | 42 | 85,72 | 5 | 10,20 | 2 | 4,08 | 49 | 100,00 | |
| Pesquisa | 7 | 14,29 | 40 | 81,63 | 2 | 4,08 | 49 | 100,00 | |
| Assistencial | 47 | 95,92 | — | — | 2 | 4,08 | 49 | 100,00 | |
| (1) | | | | | | | | | |
| Outras | 14 | 28,57 | 33 | 67,35 | 2 | 4,08 | 49 | 100,00 | |

(1) Outras funções

n.º de citações

| | |
|---|---|
| a) Supervisão do desempenho do pessoal de enfermagem | 4 |
| b) Previsão e provisão de recursos humanos e materiais | 2 |
| c) Chefia do Setor Técnico de Enfermagem | 2 |
| d) Organização, direção e controle do trabalho do pessoal de enfermagem | 1 |
| e) Assessoria em assuntos de enfermagem a outros C.S. | 1 |
| f) Educativa | 1 |
| g) Ensino e supervisão de alunos de enfermagem | 1 |
| h) Trabalho em equipe | 1 |
| i) Vacinação | 1 |
| j) Visita domiciliária | 1 |
| l) Epidemiologia | 1 |

4. Função assistencial

4.1. Tarefas de complementação da consulta médica

A análise global da Tabela 5 visualiza que a maioria das enfermeiras executa tarefas de pré (71,43%) e pós-consulta médica (73,47%) de forma eventual, em percentagem bem menor de forma rotineira (20,41%) e que um pequeno número de profissionais (8,16% e 6,12%, respectivamente) não executa essas tarefas.

TABELA 5

Distribuição das enfermeiras que realizam ou não as tarefas de complementação da consulta médica, segundo classificação dos C.S. da C.S.C. da S.E.S. — S.P., 1977

| Clas- sifi- cação dos C.S. | N.º de Enfer- meiras | Tarefa de comple- mentação da con- sulta médica | | | | | | | | | | | |
|-------------------------------------|-------------------------------|---|----------|-----|--------------|----------|--------|-----|--------|-----|--------|---|--------|
| | | Pré-consulta | | | Pós-consulta | | | | | | | | |
| | | Sim | | | Sim | | | | | | | | |
| | | Rotina | Eventual | Não | Rotina | Eventual | Não | | | | | | |
| N.º | % | N.º | % | N.º | % | N.º | % | N.º | % | N.º | % | | |
| I | 31 | 5 | 16,13 | 24 | 77,42 | 2 | 6,45 | 5 | 16,13 | 24 | 77,42 | 2 | 6,45 |
| II | 15 | 4 | 26,67 | 10 | 66,67 | 1 | 6,66 | 4 | 26,67 | 11 | 73,33 | — | — |
| III | 1 | — | — | 1 | 100,00 | — | — | — | — | 1 | 100,00 | — | — |
| IV | 1 | 1 | 100,00 | — | — | — | — | 1 | 100,00 | — | — | — | — |
| V | 1 | — | — | — | — | 1 | 100,00 | — | — | — | — | 1 | 100,00 |
| Total | 49 | 10 | 20,41 | 35 | 71,43 | 4 | 8,16 | 10 | 20,41 | 36 | 73,47 | 3 | 6,12 |

Uma vez que a pré-consulta, dada a sua composição, é considerada como uma tarefa muito simples, delegada portanto à atendente, estes dados podem sugerir carência, desvio de função ou má distribuição de pessoal auxiliar de enfermagem; esta situação pode condicionar a utilização inadequada do tempo da enfermeira em trabalhos menos complexos.

Quanto à pós-consulta, normalmente também delegada ao pessoal auxiliar de enfermagem, pode ser realizada pela enfermeira, seletivamente, para atender aos casos mais complexos, complementando com sua assistência o trabalho do médico.

4.2 Consulta de enfermagem

Esta atividade não foi incluída nos programas e sub-programas desenvolvidos pelos C.S. da C.S.C., em virtude da maioria dessas unidades sanitárias contar somente com uma enfermeira. Apesar de não ter sido programada, nada impede que as enfermeiras prestem essa atividade à população aparentemente sadia ou com patologias como a tuberculose e a hanseníase. No entanto, para efeito de controle e avaliação, tem sido computada como atendimento de enfermagem*, uma vez que esta atividade se encontra normalizada nessa Instituição.

Feitas essas ressalvas, observa-se que essa atividade é executada rotineiramente em primeiro lugar para o grupo infantil (24,49%) e em segundo lugar,

* Informação fornecida pelo Serviço de Enfermagem da C.S.C.

com igual percentual (14,29%), para o grupo de gestantes, doentes com tuberculose e com hanseníase (Tabelas 6 e 7).

TABELA 6

Distribuição das Enfermeiras que realizam ou não consulta de Enfermagem ao grupo materno infantil, segundo a classificação dos C.S. da C.S.C. da S.E.S. — S.P., 1977

| Classificação dos C.S. | N.º de Enfermeiras | Gestante sadia | | | | | | Criança sadia | | | | | |
|------------------------|--------------------|----------------|--------|----------|--------|-----|--------|---------------|--------|----------|--------|-----|-------|
| | | Sim | | | | | | Sim | | | | | |
| | | Rotina | | Eventual | | Não | | Rotina | | Eventual | | Não | |
| | | N.º | % | N.º | % | N.º | % | N.º | % | N.º | % | N.º | % |
| I | 31 | 3 | 9,68 | 16 | 51,62 | 12 | 38,70 | 6 | 19,36 | 21 | 67,74 | 4 | 12,90 |
| II | 15 | 3 | 20,00 | 8 | 53,33 | 4 | 26,67 | 5 | 33,33 | 5 | 33,33 | 5 | 33,33 |
| III | 1 | — | — | 1 | 100,00 | — | — | — | — | 1 | 100,00 | — | — |
| IV | 1 | 1 | 100,00 | — | — | — | — | 1 | 100,00 | — | — | — | — |
| V | 1 | — | — | — | — | 1 | 100,00 | — | — | 1 | 100,00 | — | — |
| Total | 49 | 7 | 14,29 | 25 | 51,02 | 17 | 34,69 | 12 | 24,49 | 28 | 57,14 | 9 | 18,37 |

TABELA 7

Distribuição das Enfermeiras que realizam ou não consulta de Enfermagem à pacientes com tuberculose e hanseníase, segundo a classificação dos C.S. da C.S.C. da S.E.S. — S.P., 1977

| Classificação dos C.S. | N.º de Enfermeiras | Paciente com tuberculose | | | | | | Paciente com hanseníase | | | | | |
|------------------------|--------------------|--------------------------|-------|----------|--------|-----|--------|-------------------------|--------|----------|-------|-----|--------|
| | | Sim | | | | | | Sim | | | | | |
| | | Rotina | | Eventual | | Não | | Rotina | | Eventual | | Não | |
| | | N.º | % | N.º | % | N.º | % | N.º | % | N.º | % | N.º | % |
| I | 31 | 4 | 12,90 | 17 | 54,84 | 10 | 32,26 | 2 | 6,45 | 12 | 38,70 | 17 | 54,84 |
| II | 15 | 3 | 20,00 | 6 | 40,00 | 6 | 40,00 | 4 | 26,67 | 6 | 40,00 | 5 | 33,33 |
| III | 1 | — | — | 1 | 100,00 | — | — | — | — | — | — | 1 | 100,00 |
| IV | 1 | — | — | — | — | 1 | 100,00 | 1 | 100,00 | — | — | — | — |
| V | 1 | — | — | — | — | 1 | 100,00 | — | — | — | — | 1 | 100,00 |
| Total | 49 | 7 | 14,29 | 24 | 48,98 | 18 | 36,73 | 7 | 14,29 | 18 | 36,73 | 24 | 48,98 |

De forma eventual, portanto, para casos selecionados, agendados ou não, ou sem substituição ao pessoal auxiliar de enfermagem — responsável pelo atendimento de enfermagem — é realizada em ordem decrescente para crianças (57,14%), gestantes (51,02%), doentes com tuberculose (48,98%) e com hanseníase (36,73%). Verifica-se também, que quase 50,0% das enfermeiras não executam essa atividade no sub-programa de controle da hanseníase; figura a não realização da mesma atividade em 2.º, 3.º e 4.º lugares, respectivamente, no sub-programa de controle da tuberculose e nos programas de assistência à gestante e à criança.

Destes dados pode-se inferir que a menor participação da enfermeira é, principalmente, na assistência ao doente de hanseníase, talvez, por estar ainda em fase de implantação esse programa nos C.S. da C.S.C.

4.3 Vacinação

Os dados relativos a esta atividade (Tabela 8) apresentam-se de forma semelhante aos das tarefas de complementação da consulta médica. Apesar do

maior percentual encontrar-se na execução eventual, 22,45% das enfermeiras realizam essa atividade rotineiramente, indicando sub utilização dessas profissionais.

4.4. Visita domiciliária

Quanto à visita domiciliária é bastante significativo o número de enfermeiras que eventualmente executa essa atividade (85,72%) comparado com o número de profissionais que a realiza rotineiramente (6,12%).

Essa ação de saúde é delegada normalmente à visitadora sanitária. No entanto, é recomendado que seja realizada pela enfermeira quando a complexidade do caso exigir a assistência desta profissional. A situação encontrada pode sugerir mais a carência desse tipo de pessoal auxiliar e/ou acionamento dessa atividade devido à normalização da mesma na programação, do que atenção de enfermagem seletiva, conforme seria indicado. (Tabela 8).

TABELA 8

Distribuição das Enfermeiras que realizam ou não as atividades de vacinação e de visita domiciliária, segundo a classificação dos C.S. da C.S.C. da S.E.S. — S.P., 1977

| Classificação dos C.S. | N.º de Enfermeiras | Atividades | | Vacinação | | | Visita domiciliária | | | | | | |
|------------------------|--------------------|------------|--------|-----------|-------|-----|---------------------|--------|--------|----------|--------|-----|-------|
| | | | | Sim | | | Sim | | | | | | |
| | | Rotina | | Eventual | | Não | | Rotina | | Eventual | | Não | |
| | | N.º | % | N.º | % | N.º | % | N.º | % | N.º | % | N.º | % |
| I | 31 | 6 | 19,36 | 23 | 74,19 | 2 | 6,45 | 2 | 6,45 | 27 | 87,10 | 2 | 6,45 |
| II | 15 | 3 | 20,00 | 12 | 80,00 | — | — | — | — | 13 | 86,67 | 2 | 13,33 |
| III | 1 | — | — | — | — | 1 | 100,00 | — | — | 1 | 100,00 | — | — |
| IV | 1 | 1 | 100,00 | — | — | — | — | 1 | 100,00 | — | — | — | — |
| V | 1 | 1 | 100,00 | — | — | — | — | — | — | 1 | 100,00 | — | — |
| Total | 49 | 11 | 22,45 | 35 | 71,43 | 3 | 6,12 | 3 | 6,12 | 42 | 85,77 | 4 | 8,16 |

4.5 Provas, administração de tratamento e curativos

Os dados relativos a estas atividades não foram apresentados em forma tabular, uma vez que a participação da enfermeira na realização dessas ações é pequena.

Com referência às provas (P.P.D. e Mitsuda), essa profissional atua mais no sentido de agente multiplicador do que executor. O mesmo fato é verificado tanto na administração de tratamentos quanto na realização de curativos.

Mais uma vez se confirma aqui, ainda que em números pouco expressivos, a sub-utilização da enfermeira, pois sua atuação é predominantemente eventual, talvez derivada da necessidade do serviço.

A análise geral das Tabelas 5, 6, 7 e 8 revela que a enfermeira vem prestando assistência de enfermagem à clientela do C.S. em maior proporção na forma eventual. Este fato já era esperado, uma vez que essas unidades sanitárias geralmente contam com apenas uma enfermeira. No entanto, sua participação deveria estar condicionada à maior complexidade das ações, como seria o caso

específico da consulta de enfermagem, podendo incluir também a pós-consulta e a visita domiciliária a determinados casos selecionados. A execução de ações simples, como por exemplo a pré-consulta, provas, tratamentos e curativos de forma rotineira, ainda que em pequena proporção, é indicativa de subutilização do trabalho da enfermeira, que deveria executar ações que requeiram realmente conhecimentos e habilidades de um profissional de nível universitário.

5. *Aplicação do processo de enfermagem*

Os dados constantes na Tabela 9 revelam que apenas uma pequena minoria das enfermeiras (14,30%) demonstrou conhecer a ordenação lógica das etapas integrantes do processo de enfermagem.

A grande maioria (71,40%) errou a seqüência da aplicação do método científico, numa escala progressiva apresentada a seguir:

- 1 a 2 erros: 18,40%
- 3 a 4 erros: 20,40%
- 5 a 6 erros: 20,40%
- 7 a 8 erros: 12,20%

Uma vez que existem falhas de conhecimento referentes às etapas do processo de enfermagem, pode-se deduzir que o mesmo, quando colocado em prática, seja feito incorretamente. Este fato dificulta ou impede a atuação racional da enfermeira, podendo prejudicar deste modo a assistência proporcionada pela mesma.

Do total geral, 14,30% das enfermeiras não responderam a essa questão, o que pode indicar desconhecimento total das etapas do processo assistencial de enfermagem. Dessas profissionais, apenas três justificaram a não aplicação do referido processo pelas seguintes razões:

- excesso de trabalho interno ;
- não trabalha atendendo necessidades e sim à solicitação de grupos de comunidade, na maioria da área da promoção social;
- a demanda de pessoal que procura o C.S. é muito grande e a população é atendida de acordo com a necessidade do momento.

A nosso ver, os motivos explicitados não impediriam a aplicação do processo de enfermagem, uma vez que, para atender adequadamente às necessidades tanto de grupos da comunidade como da clientela do C.S., é requerida a aplicação desse processo.

Diante destes fatos pode-se inferir que, apesar do processo de enfermagem ser ministrado nos últimos anos nas escolas de enfermagem e ser também divulgado em cursos extra-curriculares e em artigos publicados em revistas de enfermagem, o mesmo ainda não é do conhecimento da maioria das enfermeiras que responderam aos questionários.

TABELA 9

Distribuição das Enfermeiras segundo o número de acertos e erros na aplicação do processo de enfermagem e por classificação dos C.S. da C.S.C. da S.E.S. — S.P., 1977

| Classificação dos C.S. | Número de Enfermeiras | Seqüência de trabalho utilizada na aplicação do processo de enfermagem | | | | | | | | | | | | | |
|------------------------|-----------------------|--|--------|-------------|-------|-------------|-------|-------------|-------|--------------|--------|-------|--------|-----|--------|
| | | 1 a 2 erros | | 3 a 4 erros | | 5 a 6 erros | | 7 a 8 erros | | sem resposta | | Total | | | |
| | | N.º | % | N.º | % | N.º | % | N.º | % | N.º | % | N.º | % | N.º | % |
| I | 31 | 3 | 9,70 | 7 | 22,60 | 9 | 29,00 | 4 | 12,90 | 5 | 16,10 | 31 | 100,00 | | |
| II | 15 | 4 | 26,67 | 3 | 20,00 | 1 | 6,67 | 2 | 13,32 | 1 | 6,67 | 15 | 100,00 | | |
| III | 1 | 1 | 100,00 | — | — | — | — | — | — | — | — | 1 | 100,00 | | |
| IV | 1 | 1 | 100,00 | — | — | — | — | — | — | — | — | 1 | 100,00 | | |
| V | 1 | — | — | — | — | — | — | — | — | 1 | 100,00 | 1 | 100,00 | | |
| Total | 49 | 7 | 14,30 | 9 | 18,40 | 10 | 20,40 | 10 | 20,40 | 6 | 12,20 | 7 | 14,30 | 49 | 100,00 |

CONCLUSÕES

1. As funções exercidas pelas enfermeiras de nível local são as de: prestação de assistência de enfermagem, assessoria, administração, ensino, pesquisa e outras.
2. Na função de prestação de assistência da enfermagem à população, as atividades e tarefas executadas pela enfermeiras são as que seguem: complementação da consulta médica (pré e pós-consulta); consulta de enfermagem à gestante e à criança sadia e aos doentes de tuberculose e hanseníase; vacinação; provas (aplicação e leitura de P.P.D. e Mitsuda, respectivamente); visita domiciliária; administração de tratamentos e curativos.

Observa-se, no entanto, que a execução dessas atividades e tarefas apresenta maior percentual na forma eventual do que na rotineira.

3. Quanto ao processo utilizado na prestação de assistência de enfermagem à população, verifica-se que:
 - uma pequena minoria das enfermeiras (14,30%) demonstrou conhecer a seqüência lógica das etapas básicas desse processo assistencial;
 - um número significativo de profissional (71,40%) apresentou erros de conhecimento referentes à seqüência das etapas do referido processo; e
 - 14,30% das enfermeiras não responderam a essa pergunta, o que pode sugerir desconhecimento sobre o assunto em questão.

ADAMI, N. P. The assistance function performed by the nurse in State Health Centers of São Paulo, *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 14(1):63-72, 1980.

The author relates the results of a study made in the State Health Centers, São Paulo, Brazil.

Her aim was to analyse the activities of the nurses wren performing nursing assistance functions to the users of the health units.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADAMI, N. P. *Funções cumpridas pela enfermeira nos centros de saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo*. São Paulo, 1978.
2. ALVIM, E. F. et alii. Pesquisa operacional das atividades de enfermagem na Fundação SESP. *Rev. Bras. Enf.*, Rio de Janeiro, 19(4): 235-303, 1966.
3. ANDRADE, O. B. & ADAMI, N. P. Configuração das funções da enfermeira de saúde pública — Modelo programático de preparo requerido para o exercício dessas funções. *Enf. Novas Dimens.*, São Paulo, 2(6): 308-18, 1976.
4. COMITÉ de Expertos de la OPS/OMS en la enseñanza de enfermería médico-quirúrgica en las escuelas de enfermería de America Latina. 1.º. Washington, D.C., 1971. *Informe*. Washington, Organización Panamericana de la Salud, 1972 (Publicación científica, 242).
5. HORTA, W. de A. Enfermagem: teorias, conceitos, princípios e processo. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 8(1): 7-17, 1974.
6. MAILLART, V. Enseñanza superior de enfermería. *Crón. Org. Mund. Salud.*, 27(6): 263-66, 1973.
7. SANTOS, C. F. A enfermeira como categoria ocupacional num moderno hospital-escola brasileiro. Ribeirão Preto. (Tese de doutoramento — Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, U.S.P.), 1968.
8. SANTOS, C. F. & MINZONI, M. A. Estudo de atividades de enfermagem em quatro unidades de um hospital governamental. *Rev. Bras. Enf.*, Rio de Janeiro, 21(51): 396-441, 1968.
9. SEMINÁRIO SOBRE EDUCAÇÃO EM ENFERMAGEM. 2.º. Ribeirão Preto, São Paulo, 1970. Ribeirão Preto. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP, 1970.
10. SEMINÁRIO sobre enseñanza de enfermería a nível universitario. Lima, 1971. *Informe final*. Washington, D. C., Orzanzacion Panamericana de la Salud, 1973. (Publicación científica, 259).
11. SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE CURRÍCULO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EN ENFERMAGEM. São Paulo, 1968. São Paulo, Escola de Enfermagem da U.S.P., 1969.
12. SOUZA, A. M. J. et al. Estudos das atividades do pessoal auxiliar de enfermagem. *Rev. Bras. Enf.* Rio de Janeiro, 21(5): 442-56, 1968.